

Editora Fap-Unifesp contrata um dos mais conceituados profissionais do meio editorial

Ao entrar no seu quinto ano de atividades, a Editora Fap-Unifesp passa a contar com a experiência de mais de 25 anos de Sérgio Molina. "Trata-se de um profissional de primeira categoria que vem de uma editora comercial, com bagagem mais do que suficiente para implementar uma produção de peso na nossa editora", afirma Ruth Guinsburg, presidente da Editora Fap-Unifesp.

Sérgio Molina nasceu em Buenos Aires em 1964 e vive no Brasil desde os dez anos de idade. "Curiosamente, meus pais passaram a lua de mel no Brasil sem saber que um dia viriam para cá. Além disso, metade dos discos que tocavam em casa eram de MPB: Chico Buarque, Caetano, Novos Baianos... Acho até que aprendi português ouvindo aqueles discos de música brasileira", conta ele. Molina revela que começou cinco cursos de graduação e não chegou a concluir nenhum deles. "Quando terminei o colegial, entrei nas Ciências Sociais da USP. Fiquei lá quase um ano. Voltei para a Argentina no começo da redemocratização, com o Alfonsín na Presidência". Foram seis meses, mas Sérgio diz que não se readaptou à Argentina e acabou voltando ao Brasil. Considera-se um autodidata, apesar de sua passagem pelos cursos Letras (espanhol), Editoração e Jornalismo, além de Ciências Sociais. Casou e começou a traduzir aos 21 anos junto com a esposa, Rubia Goldoni. "Fizemos os primeiros trabalhos sempre em colaboração, e ainda hoje vertemos alguns livros em dupla. O fato de eu ser estrangeiro bilíngue e minha companheira ser daqui, com um conhecimento muito profundo da língua portuguesa e da literatura brasileira, forma uma conjunção excelente para os dois. Nós fazíamos uma oficina a cada livro, demorávamos muito e discutíamos tudo longamente. Acabou sendo uma formação paralela. Acho que não existe melhor escola de tradução do que essa", diz Molina. De 1985 até 2007, Sérgio diz que viveu praticamente só da tradução. Foi mais de meia centena de livros, de autores como Jorge Luis Borges, Alejo Carpentier, Mario Vargas Llosa, Ernesto Sabato. Antes de sua entrada na Fap-Unifesp, tra-

balhou por cerca de quatro anos na Editora 34, também como editor. Nessa casa, cuidou da publicação de alguns importantes autores até então inéditos no Brasil, como o argentino Rodolfo Walsh, o português Valter Hugo Mãe e o haitiano Dany Laferrière. Lá também foi responsável por uma experiência pioneira: a edição digital fracionada de uma grande antologia de contos. O mais celebrado trabalho de sua carreira foi a tradução do *Dom Quixote*, que contou com o apoio do Ministério da Cultura da Espanha e lhe rendeu uma menção honrosa do 46º Prêmio Jabuti. "Fui convidado para dar uma oficina de tradução junto ao curso de Letras da USP, e o mote era *Dom Quixote*. A ideia foi pegar os primeiros capítulos e compará-los nas várias traduções exis-



tentes, levantando as qualidades e pontos fracos de cada uma”, diz Molina. A partir daí, Sérgio diz que se encantou pela ideia de traduzir o romance, valendo-se de critérios mais contemporâneos. “Querida tentar algo mais equilibrado entre o respeito canino ao texto-fonte, privilegiando o contexto original, e o empenho de domesticação, que busca facilitar a compreensão no contexto de chegada. No caso de *Dom Quixote*, a criação original está muito distante no tempo, o que multiplica os problemas. Impõe escolhas difíceis, e o equilíbrio nunca é perfeito. Você tem que encontrar um jeito de comunicar aquilo tudo sem perder o sabor da época”. Quanto ao fato de *Dom Quixote* apresentar muitas variações, mesmo nas edições em castelhano, Sérgio explica que na verdade existem várias versões do texto estabelecido. “As edições príncipes são a base de todas as edições modernas, mas há muita margem de interpretação, porque aqueles livros têm muitas falhas tipográficas e de composição. Mesmo a segunda e a terceira edições deixam zonas obscuras... existe até um salto na história”, diz ele. É na famosa passagem do sumiço do asno de Sancho Pança, que “de uma hora para outra aparece sem sua montaria. De repente, cadê? Na segunda parte, Cervantes bota a culpa no tipógrafo, que teria extraviado algumas páginas dos originais onde se narra o roubo do animal. Nas edições seguintes, tentaram consertar isso, com pequenas inserções, mas tudo ficou ainda mais confuso. Além desse salto, existem muitas passagens truncadas, incompreensíveis mesmo, também por causa de problemas tipográficos. O pessoal que vai atrás, escarafunchar, tenta preencher essas lacunas, às vezes com diferentes critérios, formando novas hipóteses, daí o fato de cada edição ter características só dela”. Na tradução, Molina preservou aquele salto na história, mas elucidando-o em comentários e notas, onde dá as variantes das edições seguintes para as pessoas entenderem o que foi tentado consertar. “Isso é muito importante porque, na segunda parte, o autor retoma toda essa confusão, brinca com ela”, explica.

Para Molina, um dos grandes desafios para quem pretende traduzir o *Dom Quixote* é a escolha da edição, sobre que texto estabelecido trabalhar. Na primeira parte, ele se baseou na edição dirigida por Francisco Rico (NE.: crítico literário, filólogo e editor espanhol), publicada em 1998 e reeditada em 2005. “Com o passar dos anos, percebi que mesmo aquela versão era discutível, e ao verter a segunda parte recorri a várias outras e as confrontei com a do Rico”, conta Sérgio. Esse trabalho foi publicado pela Editora 34, que inicialmente o chamou para traduzir as *Novelas Exemplares*, uma série de narrativas curtas escritas por Cervantes entre 1590 e 1612 e lançada em 1613. Molina planeja completar a tradução dessa obra ainda a tempo de trazê-la aos leitores brasileiros em 2013, quando se celebrarão os 400 anos da publicação original. E revela uma curiosidade:

"Os desafios são imensos, uma vez que a meta a partir de agora é dobrar a produção."

(Sigmund) Freud gostava especialmente das *Novelas Exemplares*, e uma delas em particular, que se chama “Novela de Cipión y Berganza” – ou “El Coloquio de los Perros” (A Conversa entre Dois Cães) –, em que um cachorro conta sua vida a outro. Conta que Freud teria extraído a ideia da psicanálise dessa novela, tanto que, em algumas correspondências para os amigos, assinava como “Cipión”, nome do cachorro que escuta.

– Quanto à Editora Fap-Unifesp, Molina diz acreditar que “está num momento excepcional. Ela tem definida uma linha, mas ainda não ‘cristalizou’ nada que a cerceie, que a amarre demais. Isso oferece um solo muito fértil para trabalhar, e mesmo que ainda não seja de todo estável, já é possível caminhar nele com firmeza, porque a organização interna é muito boa. A editora-assistente, Adriana Garcia, é excelente, ela organiza tudo de um modo absolutamente seguro e confiável”, elogia Sérgio Molina.

Sobre se a Editora Fap-Unifesp estaria no rumo certo, Sérgio Molina analisa que o caminho a ser seguido ainda está em construção: “Um passo muito importante foi dado bem antes da minha entrada, quando se decidiu não fechar o foco em textos da área médica, que era o que se imaginava para uma editora ligada a uma universidade nascida de uma escola de medicina. Agora, ao contrário, o que mais temos recebido e avaliado são originais de filosofia, história, teoria literária, antropologia, sociologia, alguma coisa de urbanismo, de história da arte... A maioria dos originais é mesmo da área de Humanas. E coisas muito boas. O fato de existirem cursos como os do *campus* de Guarulhos, com pesquisadores tão

produtivos, ajuda muito. Acho que as ciências ditas duras também devem ser contempladas, mas o fato é que chegam menos originais dessas áreas. Gostaria, por exemplo, de editar alguma pesquisa na área de tecnologia, quem sabe dialogando com outras disciplinas, mas ainda não temos nada do gênero”, revela. “Acho que a interdisciplinaridade pode ser um bom caminho, e um bom exemplo é o encontro entre História e Medicina, que tem até uma coleção no catálogo da editora. Devemos, aliás, dar atenção muito especial a ela”.

Sérgio Molina acredita que a Editora Fap-Unifesp deva ser mais conhecida dentro da própria Unifesp. “Acho que caberia, antes de mais nada, fazermos um bom trabalho de divulgação interna, de presença mesmo, visitando os departamentos, conversando com possíveis autores, explicando qual a função da editora frente à comunidade da Unifesp. À medida que o catálogo for crescendo, esse diálogo certamente vai ficar mais fluido. Existe também a ideia de publicarmos um jornal de resenhas, regular, trimestral ou bimestral, que dê conta dos últimos lançamentos. Seria como um desdobramento, um filhote da última página do *Ação Fap*”.

Sérgio Molina acredita que a Editora Fap-Unifesp deva ser mais conhecida dentro da própria Unifesp. “Acho que caberia, antes de mais nada, fazermos um bom trabalho de divulgação interna, de presença mesmo, visitando os departamentos, conversando com possíveis autores, explicando qual a função da editora frente à comunidade da Unifesp. À medida que o catálogo for crescendo, esse diálogo certamente vai ficar mais fluido. Existe também a ideia de publicarmos um jornal de resenhas, regular, trimestral ou bimestral, que dê conta dos últimos lançamentos. Seria como um desdobramento, um filhote da última página do *Ação Fap*”.

Fap garante a infraestrutura institucional do **SciELO Brasil**

Há cerca de quatro anos, a Fundação de Apoio à Unifesp coopera com o programa Scientific Electronic Library Online (SciELO) da Fapesp, uma biblioteca eletrônica cujo principal objetivo é selecionar e disseminar o conhecimento gerado pela pesquisa brasileira. A esse processo se dá o nome de indexação, uma metodologia que prepara, armazena, divulga e, em última análise, avalia a produção científica feita no País, possibilitando assim a melhoria da qualidade dos periódicos nacionais.

A Rede SciELO opera hoje 16 coleções nacionais, três delas temáticas, com cerca de 900 títulos indexados que publicam algo em torno de 450 mil artigos. Tanto as coleções como os periódicos e os artigos podem ser encontrados na Web através dos inúmeros buscadores, índices, agregadores e redes sociais relacionados com informação científica. A coleção brasileira fechou o ano de 2011 com uma média mensal de mais de 1 milhão de *downloads* diários, subindo um terço além disso já no próximo ano.

O SciELO nasceu em 1997 de um projeto piloto da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) em parceria com a BIREME- Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Experimentalmente, foram selecionados 10 periódicos entre os indexados no Journal Citation Reports (JCR). A partir daí, foi investigada e desenvolvida uma plataforma tecnológica e a metodologia para a publicação *online* na Web. No ano seguinte, foi criada oficialmente a Rede SciELO Brasil. O primeiro país estrangeiro que passou a fazer parte da rede foi o Chile, com o SciELO Chile. Assim foi possível a convergência de política e o compartilhamento de recursos nas atividades de disseminação, capacitação e implantação da plataforma tecnológica entre os pesquisadores de ambos os países. Desde 2002, o SciELO conta também com o apoio do CNPq

(Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e opera desde então sem interrupções.

O modelo seguido pelo SciELO para sua atuação é o da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) lançada em 1998. Quem explica é Abel Packer, coordenador operacional do projeto; "A evolução e expansão notáveis da BVS como uma das principais redes de informação científica em nível mundial fortaleceu a Rede SciELO", diz ele. Packer completa que a inserção do SciELO



SEDE DO SCIELO BRASIL

em rede com acesso aberto representa, desde a sua criação, um posicionamento proativo dos países em desenvolvimento no sentido de fortalecer a capacidade de publicar periódicos científicos de qualidade como parte do processo de se produzir pesquisa. Isso se dá em dois dos principais meios de disseminação de conhecimento conhecidos hoje em dia: a Web e o acesso aberto, onde novas soluções e tecnologias encontram público ávido e cativo. Esse processo todo foi capaz, ainda segundo Packer, de romper a dualidade criada ao longo do século XX pelo sistema internacional de publicação científica, que dividia o universo de periódicos

em pertencentes ao *mainstream* ou de origem regional, estes dos países em desenvolvimento e percebidos como de segunda categoria. A contribuição estratégica do SciELO, na opinião de Packer, é a superação dessa dualidade e o trabalho em prol do desenvolvimento de um sistema global de comunicação científica com a possibilidade da inserção equitativa e soberana de países em desenvolvimento.

As coleções nacionais do SciELO são multidisciplinares e abrigam todas as áreas do conhecimento cuja produção científica conte com, pelo menos, um período de qualidade. Os critérios de avaliação dos periódicos para indexação e permanência nas coleções SciELO levam em conta as especificidades das diferentes áreas do Conhecimento. Solange Maria Santos, biblioteconomista, mestre em Ciência da Informação e doutoranda em Ciência da Informação na Universidade de São Paulo (USP), é quem cuida da seleção das publicações. Estas chegam nos mais diversos formatos, mas geralmente em papel ou meio eletrônico. "O artigo é classificado por uma palavra-chave. Com base nela, o SciELO oferece uma série de serviços em cima dos arquivos. A próxima etapa é a publicação do artigo na Web para acesso livre a professores, alunos e pesquisadores. Esse é o processo de produção e publicação", explica Solange. Existe uma equipe que recebe, prepara e publica o conteúdo. Os metadados, como são chamadas as palavras-chave, são enviados para agências internacionais como a Medline, ISI e outras, para servirem de objeto de busca nos buscadores como Google, Yahoo, AltaVista e outros. "Aliás, a maioria das pessoas chega ao SciELO por eles, principalmente, o Google", revela Solange. A etapa seguinte é de responsabilidade de outro membro do colegiado, Fabiana Montanari Lápido, que cuida da certificação do conteúdo científico. O material selecionado por ela passa por um comitê composto de especialistas em cada uma das áreas do conhecimento:

assim como ocorre no universo editorial são os pareceristas que indicam ou vetam a publicação de um artigo. É o editor responsável por uma determinada publicação que solicita a inclusão da revista ou do artigo no SciELO. Se aprovada pelo parecerista, a revista é levada à uma reunião do Conselho. As matérias são reproduzidas exatamente como foram criadas: mantêm-se o fascículo, o volume e o conteúdo. A cada mês, são analisadas cerca de 40. "podem ser 70 ou 20", completa Fabiana.

O projeto SciELO Livros lançado no final de março de 2011 está previsto para oferecer uma média de 500 livros em acesso aberto. O leitor poderá fazer o *download* para imprimir-lo, lê-lo em *e-reader* ou *tablet*, ou ainda comprá-lo; nesse último caso, o livro é impresso sob demanda. Os idealizadores do projeto criaram um sistema de acesso das editoras que, segundo eles, garante a qualidade do que é oferecido. Foram criados dois comitês que cuidam desse processo. O comitê gestor cuida do modelo de negócios e o comitê científico avalia o lote de obras indicado pela editora. Há uma taxa de adesão a ser paga para inclusão no SciELO Livros. Adriana Luccisano é a responsável pelo projeto e explica qual seria a vantagem da editora entrar no catálogo. "A visibilidade, o nome SciELO como certificação e a possibilidade de, futuramente, contar com estatísticas bibliométricas são alguns dos diferenciais que, acreditam os edito-

res do SciELO, vão atrair as editoras para o projeto", afirma Adriana, que acrescenta que a editora "ganha" versões digitais dos livros que podem ser lidas no computador, no Ipad, Iphone, Galaxy, Android e outros. "Para a Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz, esse processo está sendo particularmente interessante", revela Adriana Luccisano, "isso porque nós digitalizamos muitos livros únicos e raros, já fora de catálogo".

Atualmente, a Rede SciELO está em 16 países em três continentes: 13 coleções nacionais na América Latina e Caribe (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Jamaica, México, Paraguai, Uruguai e Venezuela), 2 coleções na Europa (Espanha e Portugal) e a coleção da África do Sul. No Brasil, opera três coleções temáticas de caráter regional: SciELO Saúde Pública, criada em 2000 e coordenada pelo consórcio BIREME/OPAS/OMS; SciELO Social Sciences, que publica artigos selecionados de periódicos SciELO da área de Ciências Sociais, coordenada pela Fundação Eldesstein, e SciELO Biodiversidade, em fase de lançamento.

O projeto Especial SciELO da Fapesp tem 90% do seu desenvolvimento e operação financiados pela Fapesp e passou a receber, em 2002, auxílios financeiros anuais, do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).

Institucionalmente, os projetos SciELO têm sido apoiados por instituições ligadas

à Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), entre elas, a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM), que contrata pessoal em regime de CLT, a BIREME (Biblioteca Regional de Medicina), que junto com a OPAS e a OMS desenvolve a plataforma metodológica e tecnológica dos projetos.

Há 4 anos, a Fundação de Apoio à Unifesp apoia os projetos de pesquisa e desenvolvimento, com a disponibilização de espaço físico, equipamentos e serviços. Os custos fixos mensais, físicos e humanos são cobertos pela Fap.

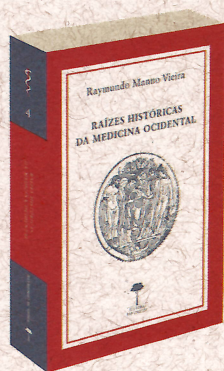
A Fundação de Apoio à Unifesp e o SciELO estarão juntos também num grande projeto chamado *Digitalização e Publicação Online de uma Coleção de Documentos Essenciais em Biodiversidade das Bibliotecas Brasileiras*. O objetivo central é desenvolver uma rede de informação e comunicação científica acerca do meio ambiente e da biodiversidade brasileiras. A Rede BHL, ligada à Global Biodiversity Heritage Library, contará com a participação do Ministério do Meio Ambiente, a Fapesp, a Fundação Biblioteca Nacional, BIREME/OPAS/OMS, Museu de Zoologia da USP e representantes da rede de Bibliotecas Brasileiras em Biodiversidade. O projeto prevê, nos primeiros 12 meses, a digitalização de cerca de 500 mil páginas de documentos essenciais em biodiversidade, especialmente dos séculos XVIII e XIX, que tratam da fauna e flora brasileiras. **Fp**

Lançamentos da Editora Fap-Unifesp



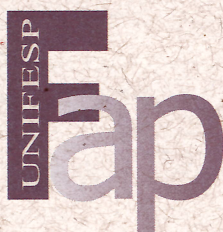
O SUICÍDIO COMO ESPETÁCULO NA METRÓPOLE

Autor: Fernanda Cristina Marquetti
1ª edição, 2012, 16 x 23 cm, 248 páginas
ISBN: 978-85-61673-32-1
Preço: R\$ 40,00
Áreas de interesse:
Psicologia, Sociologia



RAÍZES HISTÓRICAS DA MEDICINA OCIDENTAL

Autor: Raymundo Manno Vieira
1ª edição, 2012, 18 x 25,5 cm, 648 páginas
ISBN: 978-85-61673-35-2
Preço: R\$ 170,00
Áreas de interesse:
História da Medicina



EXPEDIENTE

Ação Fap é uma publicação da Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo. **Presidente:** Durval Rosa Borges **Vice-Presidente:** Luiz Roberto Ramos **Diretor Administrativo:** Conceição Vieira da Silva Ohara **Diretor de Ensino:** Sylvia Helena Souza da Silva Batista **Diretor de Pesquisa:** Afonso Celso Pinto Nazário **Diretor Financeiro:** Akira Ishida **Editor:** Ricardo Gomes (Mtb 17.118) **Editora de Arte:** Adriana Garcia **Assistente de Arte:** Henrique Lourenço **Tiragem:** 3.000 exemplares **Fap-Unifesp** Rua Dr. Diogo de Faria, 1087, 8º andar, cj. 801, CEP 04037-003, Vila Clementino, São Paulo - SP **Tel:** (11) 3369-4000 **Atendimento:** sac@fapunifesp.edu.br

IMPRESSÃO



55 11 5543-1100